

APROPRIAÇÃO E FICCIONALIZAÇÃO DO REAL NOS CONTOS: *MANDIGAS DA ILHA QUILOMBA, DO OUTRO MUNDO E DO OUTRO LADO TEM SEGREDOS*

Luciete de Cássia Souza Lima Bastos – UNEB

*O real não está na partida nem na chegada,
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*
Guimarães Rosa

A sociedade mudou. Paradigmas são questionados e o discurso oficial é subvertido por vozes minoritárias antes silenciadas. A mudança de eixo do centro para a periferia implicou em dissolução de fronteiras e imprimiu transformações essenciais no campo cultural, com reflexos na literatura, inclusive na literatura infantil. A concepção de infância também mudou e a literatura a ela destinada foi tomando novo rumo; antes vista como um adulto em tamanho reduzido, a criança passou a ser considerada em sua integralidade, com necessidades e interesses próprios.

A literatura infantil foi considerada até bem pouco tempo como “gênero menor” por estar associada, desde as suas origens, a uma função utilitário-pedagógica. As histórias eram elaboradas para se converterem em divulgadoras dos novos ideais burgueses, ratificando o cânone do poder: heterossexual, masculino, capitalista, branco, cristão e ocidental. Sua emergência e valorização, enquanto formadora de consciência crítica que busca romper com paradigmas e com (pre)conceitos, literatura estereotipada e reprodutora de modelos hegemônicos, é bem recente. Assim concebida, a literatura destinada às crianças pode e deve ser um instrumento para a expansão da capacidade de analisar o mundo, alargando o horizonte cultural e possibilitando a transformação e o enriquecimento da experiência de vida desses seres em processo, instigando, inclusive, reflexões sobre a identidade cultural dessas crianças leitoras.

Por se tratar de um objeto novo, com características singulares e dimensão estética essencial, a literatura infantil possibilita múltiplas pesquisas. Na esteira deste debate, pretendo problematizar ficção, mimese e imaginação a partir dos contos *Mandigas da Ilha Quilomba, Do outro mundo e Do outro lado tem segredo* criações de Ana Maria Machado, refletindo a apropriação do real e a sua ficcionalização, interpenetrado pela imaginação criativa da escritora que busca, penso, levar às crianças temas mais complexos não oferecidos às crianças por serem considerados inapropriados. Acerca das imbricações em torno do real, do imaginário e do ficcional, os conceitos de mimese¹ postulado por Costa Lima e de imaginação defendido por Iser nos servem de aporte a esta discussão.

Luiz Costa Lima (2000) considera a mimese como uma atividade dialógica, em que a representação existe, mas não representa algo anterior, ela é produto de uma troca, um efeito de ir e vir. O fluir da narrativa constitui uma via de mão dupla em que os fatos e as leituras que marcaram o cotidiano de Ana Maria Machado pontuam a ficção e vice-versa, assim o leitor pode exercitar o mesmo movimento de vaivens encenado pela autora, como numa brincadeira em que as peças são movidas pelo imaginário. No cenário teórico da estética da recepção e do efeito as idéias de Wolfgang Iser podem complementar as postulações de Costa Lima. Iser (1979) apóia-se, igualmente, na orientação despragmatizada da ficção articulada ao "imaginário, aos atos de fingir e ao jogo". A ficção funciona, então, como um campo de ação onde um processo lúdico de fingimento é ativado, descerrando o livre acesso da escrita ao imaginário. A mimese verbal constitui uma forma de jogo que possibilita a encenação de uma realidade que se inscreve na estrutura do fingimento, o texto que se ancora neste processo lúdico atrai a presença do imaginário e é, necessariamente, marcado pela ambigüidade, especificidade do texto literário o que, entretanto, não impossibilita ao jovem leitor sair dessa experiência com uma nova visão de mundo, mais crítica e reflexiva.

Nessa empreitada, busco ressaltar algumas possibilidades de diálogos entre a história e literatura, lançando meu olhar em questões que permeiam as experiências vividas, a memória, a história, a linguagem e as suas significações. A questão principal que se afigura é a importância da vivência e do discurso dos personagens Bino, Rosário e Chico como elemento mediador entre literatura e questões sócio-históricas e identárias, pois as construções literárias possibilitam o deslindamento da dinâmica e dos elos que compõem a sociedade e, conseqüentemente, daquilo que nos constituem. A partir das experiências de vida dessas personagens, discuto a relação entre mimese e imaginação perpassada pela reflexão acerca de questões étnico-raciais, tradição e diversidade cultural. A ficção contemporânea trata dessas questões por diferentes

¹ Teóricos grafam o termo de formas distintas: mimese e mímesis, opto pelo emprego da primeira,.

perspectivas, pensamos que todas são importantes, umas por não deixarem de lado o preconceito e o racismo que devem e precisam ser refletidos; outras, importantes por mostrarem os negros em situações cotidianas, como pessoas comuns que descendem de um povo de cuja cultura e tradições, nós brasileiros, somos herdeiros.

Nos últimos anos, a produção literária voltada à infância tem repensado a condição de excluído a que foi relegado o negro nas histórias infano-juvenis tradicionais. Esse caráter marginalizador passou a ser substituído por uma atitude compromissada com a necessidade de reforçar de maneira positiva a identidade cultural dos afrodescendentes. Ana Maria, uma das pioneiras, ao lado de Ruthy Rocha, buscou trazer para a sua literatura a apropriação de conhecimento e domínio dos valores culturais do mundo africano. Ao optar por protagonistas negros, tidos como inferiores diante dos valores do mundo ocidental, Ana criou personagens que marcam uma nova posição ideológica do negro, portador de beleza, de história, de voz e de ação dentro do contexto que é representado imageticamente a partir de nítidas características de etnia e de cultura, tornando propícia a ligação desses conhecimentos com a capacidade de se organizar e agir socialmente.

As três histórias *Mandigas da Ilha Quilomba*, *Do outro lado tem segredos* e *Do outro mundo* partem de elementos da realidade cotidiana, num ambiente em que atuam crianças comuns, com características peculiares a esta etapa da vida. Os contos têm como pilares o sentimento de liberdade e a esperança de um tempo em que as relações possam ser diferentes.

Na novela, *Do outro lado tem segredos*, um narrador enigmático conta a história de vida do protagonista numa aldeia de pescadores. Aos poucos, na interação cotidiana com o grupo e relatos da avó Odila e do senhor Mané Faustino, descendentes de africanos, Bino, personagem/protagonista, ganha voz e vai desvelando, conhecendo e aprendendo a história, as tradições e a cultura de seu povo. Para Halbwachs (1990), o tempo é social, a memória está no grupo, e o trabalho de reconstrução do passado só pode ser realizado se nos apoiarmos nas tramas da ajuda mútua e solidariedade múltipla dentro das quais estamos engajados. Bino, respaldando-se apenas em relatos de outras pessoas, pela potencialidade do imaginário é capaz de recuperar coisas vividas, de imaginar o que não viu e conceber o que não experimentou. Este conto não é escrito em primeira pessoa, no entanto, a não explicitação do narrador deixa margem para que vejamos Bino tomar posse do discurso narrativo pelo qual vai recuperando a história de seus ancestrais e, ao mesmo tempo, vai oportunizando, aos demais interlocutores, o relato do passado vivido, retomado pela lembrança e que mantém constante articulação com os acontecimentos do presente. Bino cria uma ponte significativa entre a sua vida e a de seus antepassados pelas lembranças narradas por Mané Faustino e sua avó, e vai, passo a passo, construindo a sua identidade. Esses *flashes* do passado trazem uma nesga da sociedade escravocrata vista sob a perspectiva do explorado. Nas malhas da ficção, o passado e o presente, o verossímil e a imaginação dialogam; recriado pela escrita, o cenário se torna memória de uma experiência pessoal e estética transformadora. Nesta narrativa, a cultura livresca, de tradição ocidental civilizada se contrapõe a outra, encarnada, neste livro, pela figura de velhos pescadores. No final do livro, o protagonista assume a tradição cultural de seu povo, supera os conflitos e começa a encontrar respostas para as suas indagações; descobre, por exemplo, que é capaz de ler a natureza e seus elementos à semelhança dos anciões, do Rei Congo, do Zumbi do Quilombo e de tantos outros de sua gente.

Em *Do outro mundo*, Ana Maria surpreende o leitor nas páginas iniciais quando o narrador anuncia um grande mistério que será narrado. Num barracão, transformado em anexo para uma pousada, um grupo de amigos dorme; Mariano, o narrador, acorda com ruídos assustadores. A autora cria um clima de suspense que leva o leitor a pensar que se trata de uma história sobre o medo ligado ao sobrenatural, entretanto o medo de que trata a história é o da escravidão e todos os horrores dela decorrentes. O medo inicial do fantasma da garotinha negra logo se dispersa, dando vazão a dois desafios: o de vencer o medo de escrever e o de resolver o enigma que liga o passado da escravidão ao presente. À medida que escreve, Mariano, garoto branco amigo de Elisa e Leo, vai corporificando a sua lembrança e dando o testemunho do que viu e ouviu de Rosário, espectro de uma garotinha escrava que vivera ali naquele anexo da pousada, quando o espaço era destinado à senzala da fazenda. O cenário em que se dá a trama no presente é também o ambiente onde o passado é evocado e (re)criado, passado e presente se cruzam no mesmo espaço geográfico. A narrativa, de linguagem e apelos realistas, é quebrada pela inserção do sobrenatural, que configura o “outro mundo”, metáfora da escravidão, remetendo-nos àquela época pela voz da personagem Rosário. A fusão do realismo com o sobrenatural se dá de forma natural e espontânea, Rosário é percebida como uma criança real, presença justificada pela missão de descobrir o paradeiro de seu irmão, desaparecido durante um incêndio criminoso na senzala. Ana Maria faz uso do recurso da construção em abismo, comum às narrativas em que o protagonista é um escritor; o leitor é, então, convidado a participar da trama e, juntamente com os personagens, a montar o quebra-cabeça. Acabamos por descobrir que Amaro, o irmão de Rosário, é o

tataravô de Elisa e Léo, filhos de Vera que divide o negócio da pousada com a mãe de Mariano, daí a explicação para a descendência mestiça dos irmãos já que a outra linhagem da família é italiana. É possível conjecturar que Ana Maria Machado, ao dar voz a um narrador branco, pretendeu dizer que os negros já abordaram exaustivamente o assunto, principalmente por estarem na condição do explorado e discriminado. E agora, cabe ao branco garantir maior visibilidade ao tema, atraindo a atenção de mais pessoas para o problema, além de delegar aos brancos o esforço para uma maior conscientização a respeito do assunto já que há muito os negros a possuem, além de passar a bandeira da defesa do negro para as mãos daqueles que sempre estiveram na posição de explorador.

Segundo Sampaio Dória (2008) nesta narrativa não há compromisso com a realidade presente; a história que vem do passado, provoca emoções fortes, mas não as transpõem para os dias atuais, tampouco há uma relação entre o relato de Rosário e a experiência dos demais personagens, ela fica restrita ao fenômeno específico da escravidão. Concordo com o crítico quando diz que não há compromisso com a realidade, exatamente por não haver compromisso com o real é que se trata de um texto literário, pois à literatura cabe o compromisso com a estética. Como defende Costa Lima, as imagens do texto evocam o mundo apenas para retirá-lo de sua "realidade" e precipitá-lo nas brumas nebulosas do imaginário, que rasura os contornos, apaga a nitidez e retira o foco da verdade. Saliencia que a tematização imaginária da mimese confecciona o caráter irrealizador e despragmatizado do discurso literário que, liberado de sua âncora nas referências cotidianas, "se caracteriza como uma territorialidade não documental, prazerosa e questionadora da verdade socialmente estabelecida". (1986, p.304). Mas, se por um lado, para Costa Lima, as obras não são documentos de um contexto histórico. Por outro, ele reage contra uma forma de leitura que efetua um divórcio com o mundo, que assimilamos a uma crítica estruturalista ou autotética. (2000, p.p.20-21). Acrescento que embora afastada do compromisso documental a leitura literária de qualidade leva à reflexão crítica e, conseqüentemente, à transposição para realidade do conhecimento que a obra propiciou. Ana Maria não faz, de forma manifesta, uma conexão entre a escravidão no século XIX narrada na obra e o preconceito camuflado ou liberdade cerceada no século XX, propicia, entretanto, motivos para que a criança leitora de nosso século estabeleça essa ponte e direcione a sua reflexão nesse sentido, principalmente quando orientada para este fim.

De sua experiência da infância em Manguinhos, litoral do Espírito Santo, Ana trouxe a observação da dureza da vida dos pescadores; da vivência nos anos de ditadura, um pensamento social atrelado à liberdade e ao valor do trabalho; da artista, a imaginação fértil; aliadas, essas experiências resultaram em *Mandigas da ilha Quilomba*, uma história que associa mar, liberdade, trabalho e cultura africana. Tão importante quanto a magia que encanta o leitor deste conto é a transformação da percepção de mundo processada nos personagens. Chico (garoto negro filho do empregado), inicialmente, é um coadjuvante de Carlos (garoto branco filho do patrão), sua dimensão ética é acentuada pela condição sócio-econômica desfavorecida, condição que aponta para o fenômeno do preconceito introjetado ou auto-preconceito, mantido em razão da dificuldade de as pessoas pensarem sem se valerem de estereótipos. Antonio Dória escreveu que "os estereótipos geram uma fixidez de reação diante dos objetos que raramente é quebrada – e o espaço que cada indivíduo ocupa na sociedade mantém-se estático." (2008, p.32) Chico aceita sua condição de explorado e assimila o preconceito, incorporando-o como algo natural, pois a ele parece ser mais seguro ocupar um lugar modesto do que desafiar aquele que detém o poder, numa espécie de redenção condicionada pela assimilação da cultura européia colonial. E o autor acrescenta que não é por acaso que o preconceito volta-se, geralmente, contra o mais fraco e não raras vezes o discriminado introjeta a debilidade que lhe imputam, pois o fim da escravidão não significou o fim dos preconceitos. Foi, ao contrário, um capítulo novo na história das desigualdades; libertos e sem oportunidade de ascensão, os negros foram atirados à própria sorte, obrigados a viver livres num país em que foram escravos.

No decorrer da história, entretanto, processa-se uma metamorfose e a inicial submissão de Chico aos caprichos e quereres de Carlos verga-se a uma vontade própria, que vai ganhando densidade ao longo do texto: "[...] Ainda por cima, ficava levando bronca de um cara que sempre tinha ouvido calado tudo que ele dizia [...]. O silêncio imposto pela submissão vai cedendo lugar à voz da identidade que ganha intensidade a cada nova ação: "Chega, Carlos, não dá mais [...]" (MACHADO, 1984, p.17) Essa força, esse sentir novo, vai ganhando dimensão à proporção que o velho da ilha conta a história do tempo do cativo, da luta pela liberdade, da fuga dos escravos para os quilombos e da esperança da raça². Concomitantemente, Carlos vai aprendendo sobre respeito e igualdade, e à medida que percebe a transformação de Chico, que ouve a história do ancião da ilha Quilomba e que reflete sobre suas próprias ações, também nele se processa uma transformação, embora menos profunda do que aquela que se processara em Chico. À medida que relata, o

² Emprego a palavra "raça" num sentido mais profundo, a junção de etnia (negritude) e raça (ser humano)

narrador vai se descobrindo e muito daquilo que, inicialmente, lhe é imperceptível, vai sendo (re)significado à medida que reflete. Este conto fala sobre a descoberta da capacidade do homem de fazer por si mesmo sem explorar o trabalho alheio, fala do livre arbítrio, da capacidade de realizar e de inventar. A ilha Quilomba não existe realmente, não se trata de um referente geográfico, ela é um espaço onírico, criação daqueles que anseiam por liberdade e por saber, pois uma e outro compõem frente e verso de uma mesma moeda.

Alguns contos contemporâneos reproduzem e reforçam os estereótipos da aparência em detrimento da essência comum aos contos tradicionais, em que o ético e o estético se repetem como identidades fixadas de modo a demarcar diferenças. A diferença, fonte enriquecedora de heterogeneidade e hibridismo, não deve ser vista pela via do antagonismo, mas como uma possibilidade para perceber o que somos e o que nos falta na relação “eu” e o “outro”. Para Homi Bhabha (2003), a “diferença cultural não pode ser compreendida como um jogo livre de polaridades e pluralidades no tempo homogêneo e vazio da comunidade nacional.” É necessário entender que igualdade e desigualdade são construções sociais de razões econômica, histórica e cultural e, por conseguinte, a diferença não deve ser utilizada como geradora de desigualdade e exclusão. Penso que constitui matéria relevante refletir e questionar sobre as relações de poder, identidade, diferença e multiculturalismo presentes nos textos literários infantis contemporâneos, a exemplo da autora que escolhi para este estudo. A presença do leitor é, por conseguinte, condição *sine qua non* para que haja a interação texto ficcional e realidade sensorial, pois ao leitor cabe essa dinâmica, sem a qual o processo de leitura é inviável e a interpretação inexistente. Segundo Iser, o leitor deve agir como um co-criador do texto na medida em que supre, com o imaginário, a porção que não está escrita, mas apenas implícita. A literatura é algo inacabado, em constante transmutação; assim como o ser humano, é a leitura que provoca a contínua interação entre as expectativas modificadas e as memórias transformadas, ambas ativadas pelo imaginário.

Em *Do outro mundo* e em *Mandigas da ilha Quilomba*, a realidade do cotidiano é invadida por elementos imaginários; no primeiro pelo sobrenatural, no segundo pelo maravilhoso. Somente em *Do outro lado tem segredos*, o universo da trama é criado com elementos do cotidiano dos pescadores associados à cultura e a tradição dos aldeões resgatada pela memória dos velhos da aldeia Os sujeitos personagens vão se constituindo nas práticas sociais, na teia do discurso e na memória coletiva. Os homens, vivendo em sociedade, têm a capacidade de recuperar as coisas vividas e, pela potencialidade do imaginário, de verbalizar cenas e fatos, semelhante ao que ocorre com os personagens Odila e Mané Faustino.

No terreno da ficção literária, a mimese se configura por sua especial sujeição ao imaginário, por estar submetida à instância imaginária, ela escapa ou recusa a atividade perceptual, que regula as relações pragmáticas entre o sujeito e o modelo. Se, para Costa Lima(2000) a mimese se define como processo criativo é porque corresponde a uma produção do imaginário que jamais repete o modelo passivamente. A mimese resgata, na aparente semelhança, a diferença latente, ela (re)apresenta o modelo não sob o signo da realidade percebida, mas como o signo da imagem precipitada e a memória constitui terreno fértil para esta reflexão. Costa Lima desenvolve todo o seu debate em torno da mimese baseado na idéia de que a ficcionalidade do literário opera dentro do eixo ambíguo que oscila entre a semelhança e a diferença. O espaço de tensão criado a partir da tematização imaginária leva a mimese a driblar um horizonte de expectativas de identificação e semelhança para acionar um horizonte de estranhamento e diferença. Ana Maria Machado sempre se dispôs a escrever para interferir no processo de instigar o senso crítico, para tanto, procura conciliar na ficção os problemas reais vividos com a fantasia, indispensável ao universo infantil, tudo costurado por uma linguagem rica em imagens e poesia.

Em seu livro *Texturas*, Ana escreveu que “a boa leitura garante a possibilidade de ascensão social e a tomada de uma parcela de poder, desenvolvendo a capacidade de ler entrelinhas e pensar pela própria cabeça” (2001, p. 184), demonstrando plena consciência do valor desta literatura e de que palavra é poder. Penso que produzir para este público específico requer maior responsabilidade, pois nas entrelinhas das histórias é revelado todo um código de ética. A relação leitor/livro e as discussões que podem suscitar destas leituras, cujas histórias trazem protagonistas negros, qualquer que seja o tema, podem propiciar a abertura de caminhos para a busca da identidade étnica da criança negra e contribuir para que as crianças brancas conheçam outra cultura e possam, desta forma, respeitar porque conhecem. E se esta via de leitura nasce de um texto rico em imagens poéticas é certo que se trata de literatura, independentemente da temática geradora do discurso ficcional, uma coisa não exclui outra, pelo contrário, a meu ver amplia a margem de possibilidades reflexivas.

Análises de situações como essas nos levam a pensar na leitura de textos literários para/por crianças como um modo significativo para partilhar a experiência coletiva e histórica. Fanny Abramovich(1997) escreveu que a literatura nos possibilita descobrir o mundo, mesmo que por vezes ele esteja imerso em conflitos e impasses. Complementa Nelly Coelho(2002) dizendo que cabe à literatura infanto-juvenil a responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens, concedendo à literatura

infantil a tarefa fundamental de ser agente de formação. Se podemos concebê-la como um agente formador de consciência crítica, a escrita para os pequenos pode e deve abordar temas mais complexos como o racismo, o preconceito e a discriminação. É necessário, por conseguinte, buscar o exercício reflexivo sobre a identidade cultural do negro como personagem ativo dentro da literatura infantil, pois a ficção pode reforçar os traços identitários afirmativos e os valores culturais do negro. As crianças aprendem com facilidade sobre as diferentes culturas, pois esta aprendizagem exige delas o que têm de mais produtivo a curiosidade, a imaginação e a facilidade de associação com o diferente. Esse exercício do relativismo pode contribuir para a formação de um novo imaginário infantil, como uma preparação para novas atitudes e ações diante da questão da identidade cultural e da representatividade social das diversas etnias na sociedade contemporânea.

Demonstrando imensa sintonia com as questões de seu tempo, os problemas sociais que preocupam Ana Maria estão sempre presentes nas suas obras, deixando vestígio através da subjetividade dos personagens. Um de seus principais dons é penetrar no pensamento das crianças, fazendo uso de linguagem elaborada, ao mesmo tempo clara e direta, ao que ela justifica apontando boa memória e experiência de vida. Ao rememorar e (re)significar o passado, busca também construir estratégias na tentativa de instituir um processo de mudança e transformação do momento em que vive. Trata-se de uma atividade representativa que, ao invés de refletir o mundo, irrealiza e o despragmatiza a partir da tematização do imaginário: "o imaginário supõe a irrealização do que toca e a aniquilação das expectativas habituais"(COSTA LIMA, 1986, p.194). Mas, é pertinente lembrar que o próprio Costa Lima reage contra uma forma alienada de leitura que rompe com o mundo.

Ana propicia um espaço de possibilidade de problematização de mensagens sublinhar, lugar em que os discursos preconceituosos podem ser (re)significados, superados e contestados. Um espaço em que o multiculturalismo é tratado como possibilidade de conhecimento e de crescimento pessoal e podem ser também considerados suportes de questionamentos e de reflexões, pois seu conteúdo envolve crenças, ideologias e conceitos dos mais variados, pois se tratam de produções culturais que não são neutras, mas que trazem características dos contextos históricos e sociais nos quais estão inseridos sem, contudo, ser veículo para a panfletagem. A história que diverte e instiga é também um instrumento relevante para conhecimentos que a criança vai acrescentando à sua bagagem cultural e, dessa forma, vai compreendendo e (re)elaborando o mundo onde vive. Nelly Novaes Coelho diz que a boa literatura propicia ao leitor divertimento, prazer, emoção "e que, ao mesmo tempo, ensina novos modos de ver o mundo, de viver, de pensar, de reagir e de criar."(2000, p.49) Para além do lazer e do poder de desenvolver o gosto pela leitura, estes contos de Ana Maria Machado podem auxiliar na construção da identidade das crianças negras, pois em boa parte dos livros infantis mais utilizados, pelo contrário, os negros não aparecem e quando aparecem, muitas vezes são personagens sem voz, sem vez e sem história, o que pode levar a criança negra a se ver como diferente. Lembrando Dória, "[...] é importante conhecer não apenas a si mesmo, mas também o outro. O diferente. E assim como o outro começa a ganhar uma existência mais ampla, através do imaginário, ele pode ganhar mais espaço concreto, na vida real." (2008, p.16) e os textos de Ana aparecem como possibilidade de identificação e percepção do diferente como acréscimo e não como exclusão.

Embora ainda haja muito a fazer no sentido de minimizar as máculas de uma história do negro marcada pela constante idéia de carência de civilização e cultura e de traço estético, Ana Maria busca uma literatura nacional que valorize a figura do negro como protagonista e personagem positivo. Obras cujas relações "interpersonagens" refletem a tolerância, a convivência, o interesse por outras culturas, o respeito pelo outro como forma de poder se tornar um diferencial na sociedade do nosso tempo. Longe da defesa de uma literatura infantil realista a serviço da panfletagem, baseada numa discussão crua e nua de problemas sociais, defendendo uma literatura que mantenha a sua essência na magia e no encantamento, proporcionada pela riqueza vocabular e imagens insólitas, mas também um espaço de possibilidades para refletir relações humanas e, nessas relações, o diferente, jamais uma literatura porta voz do reforço da divisão social, berço de estereótipos estreitadores da representatividade social e cultural .

Acreditamos que ao trazer para a sua criação personagens representativas dos grupos minoritários, a autora possibilita a elevação da auto-estima das crianças leitoras pertencentes a esses grupos, na medida em que com elas se identificam pelo que apresentam de melhor. Por esta via as crianças de qualquer etnia podem se ver como crianças capazes de pensar, refletir e criticar, e mais, este tipo de texto pode propiciar um retorno dessas crianças ao contexto em que a convivência positiva entre as pessoas seja possível. O que não quer dizer que a narrativa de Ana esteja presa a um compromisso político social; mas nenhuma obra é de todo neutra, principalmente quando sua autora tem uma história de vida ligada a esses propósitos e pautada em princípios éticos definidos. Embora sua obra permita múltiplas leituras é, certamente, a vertente estética que a identifica e a qualifica como uma das maiores escritoras do gênero. Livre das amarras nas referências cotidianas, mas rica em experiências de vida, Ana prima-se pela expressão criativa, pela linguagem recheada

de imagens inusitadas e pela poesia próprias da grande literatura, propiciando ao leitor de qualquer idade momentos de imenso prazer estético. Se por um lado Ana colhe na sua vivência motivos para a sua narrativa é muito mais pela imaginação que sua obra edifica-se, sustenta-se aí a possibilidade de leitura das obras desta autora sob a luz da teoria de Costa Lima e Iser, que se complementam quando a questão é o imaginário e o jogo criativo.

É a partir das experiências de vida de Bino, Rosário e Chico, percurso para o auto-conhecimento e busca de identidade, que procurei identificar relações e lembranças que retratam deslocamentos importantes na história da sociedade brasileira e na constituição da identidade. Penso que ao ler, refletir e discutir sobre discriminação, preconceito e exclusão, a criança pode contribuir para a quebra do silêncio sobre estes assuntos, pois a literatura, poderosa construção simbólica, penetra no pensamento dos pequenos leitores, ajudando-os na construção do pensamento crítico e na conscientização do problema. E mais, ao perceberem o problema de forma diferenciada podem romper com imagens estereotipadas e preconceituosas veiculadas em grande parte dos livros a eles destinados. Creio que este estudo pode contribuir para o resgate das relações indivíduo/meio e a importância que estas relações representam enquanto estabelecimento de um sentido maior para a percepção do sujeito no mundo, neste caso, as crianças leitoras de Ana Maria Machado.

Saliento que este trabalho não esgota o tema aqui proposto, trata-se de um estudo introdutório que levanta questões importantes sobre a relação mimese, ficção e imaginação e que demonstra a contribuição do pensamento teórico de Iser e Costa Lima para a análise literária, pensamentos que, no meu entendimento, se complementam, ao mesmo tempo em que propicia a interface entre a literatura e outras áreas do conhecimento, fornecendo elementos para a reflexão sobre o papel da literatura na construção da identidade negra. Espero também contribuir para a compreensão da importância de uma visão crítica e reflexiva sobre o que é lido pelas crianças e a necessidade do cuidado com as mensagens veiculadas e a apropriação dos discursos em tais histórias. Nesse sentido, ratifico que é possível conjecturar que Ana Maria Machado, ao selecionar, combinar e recolher dados da realidade, ficcionalizando-os, incita seus leitores à reflexão sobre questões, aparentemente, distantes do universo infantil, alargando o seu horizonte cultural, além de propiciar grande prazer, quer por corresponder às expectativas de seus leitores, que se identificam com o texto lido; quer por surpreendê-los ao romper com paradigmas e (pre)conceitos, levando-os ao questionamento e ao diálogo constante com o texto.

As idéias não têm raízes e viajam no tempo e no espaço, proporcionando sempre novas historicizações e apropriações. Ana se apropria de elementos de seu cotidiano, das histórias de vida de amigos e desconhecidos, das leituras que realizou, de fatos históricos e de reflexões filosóficas, de temas revolucionários, das experiências marcantes, de uma infinidade de motivos, enfim, dando-lhes novas cores, inusitados sentidos, surpreendentes sabores, pelo exercício da imaginação transformados. Diversos são os caminhos que podem ser traçados e trilhados com o objetivo de contribuir para a construção da identidade, para a aceitação do diferente, para o conhecimento e respeito a novas culturas, para a quebra de paradigmas, a literatura é mais um deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil – Gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997

BHABHA, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil – teoria – análise- didática*. São Paulo: Moderna, 2002

_____. *Literatura Infantil*. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2000

COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

_____. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986

DÓRIA, Antonio Sampaio. *O preconceito em foco: análise de obras infanto-juvenis: reflexões sobre história e cultura*. São Paulo: Paulinas, 2008

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990

ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996

_____. (1979). Os Atos de Fingir, ou o que é Fictício no Texto Ficcional. Trad. de Luiz Costa Lima. In: COSTA LIMA, L. C. *Teoria da Literatura em suas Fontes*. vol. II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p.955-984

MACHADO, *Do outro lado tem segredos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. (Coleção Literatura em minha casa, vol.3), p. 63

_____. *Do outro mundo*. São Paulo: Ática, 2002. (Coleção Literatura em minha casa, vol.3), p. 103

_____. *Texturas: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 221

_____. *Mandigas da ilha Quilomba*. 2 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984, p.43